

LINGUASAGEM

BARONAS, Roberto. **Uma pequena genealogia do discurso digital**: em direção a uma pós-linguística?. In: **ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL**. Coordenação de Maria Eduarda Giering e Roberto Leiser Baronas. 04 jun. 2021. 1 vídeo (2h6min19s). Curso *on-line*. [s.l]: Associação Brasileira de Linguística, 2021.

Érika DE MORAES¹

Resumo: Esta resenha objetiva apresentar um registro da aula “Uma pequena genealogia do discurso digital: em direção a uma pós-linguística?”, ministrada pelo Professor Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar) no dia 04/06/2021, quinta aula do curso “Análise do Discurso Digital” realizado na plataforma da Abralín EaD. Na aula em questão, o ministrante promove discussão sobre conceitos de Marie-Anne Paveau, com especial relevância para a *memória tecnodiscursiva*, reflete sobre como os sujeitos se apropriam dos tecnodiscursos e propõe que a Análise do Discurso Digital possa levar a uma pós-linguística.

Palavras-chave: Análise do Discurso Digital; Pós-Linguística; Memória Tecnodiscursiva.

Résumé : Cette revue a pour objectif de présenter un rapport du cours « Une petite généalogie du discours numérique : vers une post-linguistique ? », dispensé par le Professeur Dr. Roberto Leiser Baronas (UFSCar) le 06/04/2021, cinquième séance du cours « Analyse du discours numérique » organisé sur la plateforme Abralín EaD. Dans la séance en question, l'enseignant promet une discussion sur les concepts de Marie-Anne Paveau, avec une pertinence particulière pour la *mémoire technodiscursive*, réfléchit sur la façon dont les sujets s'approprient les technodiscours et propose que l'Analyse du discours numérique puisse conduire à une approche post-linguistique.

Mots-clés : Analyse du discours numérique; Post-linguistique; Mémoire technodiscursive.

Em direção a uma pós-Linguística?

Na quinta aula do curso “Análise do Discurso Digital”, o prof. Dr. Roberto Leiser Baronas propõe apresentar “uma pequena genealogia do discurso digital”, que o leva à seguinte reflexão: será que a análise do discurso digital estaria nos impulsionando a uma espécie de pós-linguística? O professor dedica essa aula, antes de iniciar, ao cientista Sérgio Mascarenhas, recentemente falecido, que foi um dos fundadores da Universidade Federal de São Carlos e com quem Baronas mantivera diálogo sobre a

¹ Docente na Universidade Estadual Paulista, Unesp (FAAC Câmpus Bauru e PPGEL Ibilce São José do Rio Preto). Doutora em Linguística pelo IEL/Unicamp. E-mail: erika.moraes@unesp.br

possibilidade de estabelecer laços culturais entre os estudos de linguagem e um estudo sobre “comunicação entre bactérias”.

Para essa discussão, o professor se respalda especialmente em reflexões propostas por Marie-Anne Paveau, autora que, segundo Baronas, propõe pensar a linguagem de um ponto de vista não-dualista chamado ecológico. Considerado esse lugar, é possível que estejamos em um ponto de encruzilhada, não somente comunicativa, mas também epistemológica e teórico-metodológica, ou seja, um ponto em que seria necessário quebrar com concepções binárias. Entre as concepções dualistas a serem quebradas, poderia ser destacada a distinção entre linguística acadêmica e linguística popular.

O ministrante retoma, como epígrafe, uma discussão de Julian Fuks, no texto “As palavras, vítimas suplementares de uma política destrutiva”, em que o autor assevera que estamos diante de um “rebaixamento da linguagem”, admitindo que “algo tem nos faltado, que as ideias novas têm sido escassas nos últimos anos, e que também essa falta foi o que abriu espaço para a ascensão do horror que agora testemunhamos” (FUKS, 2021), o que se acentua em tempos de pandemia. Fuks levanta a hipótese de que o empobrecimento do discurso seria a expressão de um empobrecimento maior, “o da nossa visão de futuro”. Em seu texto, Fuks diz encontrar em uma autora jovem, Lina Meruane, chilena de ascendência palestina, uma formulação possível para sair dessa encruzilhada: “É preciso quebrar, com a linguagem, a sufocante dicotomia a que o discurso político nos submete, um discurso que intensifica drasticamente as posições binárias”. Enfatiza: “o pobre idioma da dicotomia acaba substituindo toda complexidade e todo pensamento crítico”. É nesse ponto que o ministrante da aula, prof. Baronas, propõe questionar se essa encruzilhada não seria mais do que comunicativa, mas também epistemológica e teórico-metodológica, sobretudo se trabalharmos na perspectiva de uma linguística dualista, de uma análise do discurso que privilegia a relação das classes ou instituições com discursos.

Considerada essa reflexão inicial sobre o próprio fazer científico sobre a linguagem, Baronas divide sua aula em três momentos ou temas, os quais abordaremos a seguir: 1. Das condições de produção do percurso epistemológico e teórico-metodológico da AD Digital proposta por Marie-Anne Paveau; 2. A amarração dos cadarços: memória tecnodiscursiva; 3. Algumas considerações finais.

Das condições de produção do percurso epistemológico e teórico-metodológico da AD Digital proposta por Marie-Anne Paveau

No contexto deste tema mais geral, Baronas propõe esmiuçar três conceitos propostos por Marie-Anne Paveau, a saber: a Linguística *folk*; Os pré-discursos; A linguística simétrica, que seriam os três pilares teórico-metodológicos da Análise do Discurso Digital proposta por Paveau. Tais conceitos são apresentados por meio dos seguintes livros dessa autora: Linguística *folk*: uma Introdução (2020); Os pré-discursos (2013); Linguagem e Moral (2015).

Quanto ao primeiro pilar, a Linguística *folk*, trata-se de um campo bastante novo, que ainda não está institucionalizado no Brasil como área do conhecimento, mas que já conta com um percurso desenvolvido em outros países, como Estados Unidos, França e Alemanha. Este campo, no âmbito dos estudos da linguagem, ocupa-se em compreender as práticas linguísticas dos não-linguistas, organizadas a partir de quatro dimensões: a descrição, a prescrição, a intervenção, as práticas militantes.

Dessas dimensões, talvez a mais conhecida seja a das práticas prescritivas, que se apresentam próximas aos “manuais de bem-dizer”. Por sua vez, as práticas militantes têm sido potencializadas, especialmente nos contextos digitais, nos quais os sujeitos ressignificam termos e discursos, que passam de sentidos disfóricos a eufóricos e se transformam em bandeira de luta de um coletivo. É o caso de “Marcha das Vadias”, em que o termo “vadia” já opera após um deslocamento de sentido pejorativo para uma bandeira de luta. Também o enunciado “vidas pretas importam” resulta desse deslocamento de um sentido disfórico a outro eufórico, visto que “preto” é, muitas vezes, empregado como ofensa. Prof. Baronas, em sua aula, cita Paveau (2020, p. 28), para quem: “Os enunciados populares não são necessariamente crenças falsas a serem eliminadas da ciência. Constituem ao contrário saberes perceptivos, subjetivos, incompletos [metadiscursos, completa Baronas] a serem integrados aos dados científicos da Linguística”. Ele prossegue:

Nesse sentido, cumpre destacar que o traço que distingue a Linguística Popular/*Folk Linguistics* de outras perspectivas teóricas que se debruçam sobre o objeto língua é justamente a possibilidade de compreender como e por que os discursos que dizem a língua afetam a própria língua, enquanto objeto de conhecimento. (BARONAS, 2021, aula on-line.)

A Linguística popular, assim, centra-se nos discursos que os não-especialistas produzem sobre a sua própria língua e sobre a língua dos outros. Pelo retrovisor da história, é bastante recente a incorporação desses saberes pela Sociolinguística, e ainda desconsiderados por outros ramos.

O segundo pilar da discussão ora apresentada refere-se aos pré-discursos.

Para Baronas, infelizmente, a ideia de pré-discursos não foi incorporada pelos analistas do discurso brasileiros até então. Tal projeto implicaria dotar a AD de uma dimensão cognitiva; enriquecer e renovar as práticas da análise que começam talvez a esgotar suas possibilidades. Por dimensão cognitiva, compreendemos os processos de construção dos conhecimentos e sua configuração no discurso a partir de dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais.

Do ponto de vista da AD mais situada no âmbito dos estudos pecheuxtianos, Baronas pontua que pode parecer “quase uma heresia epistemológica” pensar que o discurso tenha algum tipo de relação com a cognição, com algum tipo de intencionalidade. Justamente pelo fato de que essa visada, para além de sua inscrição no materialismo histórico e também pela sua inscrição na psicanálise, defende a ideia de que a memória é algo da ordem do ideológico, da ordem do inconsciente – entendido como um inconsciente historicizado – e não da ordem da cognição.

Em uma concepção discursiva clássica, o sujeito não teria nenhum tipo de ação em relação à memória, seria um suporte da memória. Baronas busca especificar que o ponto de vista defendido por Paveau não implica ruptura com a concepção de memória discursiva, mas uma ampliação dos aspectos que compõem a sua complexidade, como se dissessemos: “sim, temos que levar em consideração esses dados da história, da cultura, do inconsciente, mas também considerar a ideia de que a memória se constitui a partir de uma sociocognição” - e essa sociocognição está *distribuída* tanto no ambiente cultural quanto em outros ambientes.

Tal concepção implicaria que a memória se constrói *também* a partir de instrumentos de natureza cognitiva, não estando somente no âmbito da história, do inconsciente, mas *também* distribuída no ambiente. Baronas sinaliza haver aproximações dessa concepção com a de cognição da Linguística Textual, embora não se trate exatamente da mesma perspectiva.

O interesse de Paveau consiste em dar um tratamento teórico mais consistente a dados que, nas ciências da linguagem, são nomeados como “conhecimento prévio”, “partilhado”, “enciclopédico”, “senso comum” e que, segundo ela, embora muito presentes, são frequentemente “postulados, mas raramente descritos”. Para Pavaeu, “ao se admitir que os discursos se apoiam em saberes e crenças partilhadas”, a natureza deste apoio permanece ainda um pouco “misteriosa” (2013a, p. 12). A autora busca, então, suporte na perspectiva cognitiva, estabelecendo como ponto central de sua

proposta a noção de *pré-discursos*, “um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), que dão instruções para a produção e para a interpretação do sentido no discurso” (PAVEAU, 2013a, p. 130) - tais quadros não se encontrariam “somente na cabeça dos indivíduos e na cultura de grupos, mas são distribuídos nos contextos materiais da produção discursiva” (2013a, p. 12-13).

Trata-se de pensar nas “anterioridades discursivas”, o que não se identifica com outros conceitos já assentados no campo: interdiscurso, memória discursiva, pré-construído, discursos transversos ou dialogismo. Envolve algo que vem *antes* do discurso e que sustenta o próprio discurso. O professor exemplifica com *Fake News* relacionadas a tratamentos alternativos para a Covid-19, cuja regularidade se sustenta em uma possibilidade de tratamentos simples e acessíveis, pautados em uma teoria da conspiração segundo a qual a indústria farmacêutica “esconderia” soluções eficazes de baixo custo para o combate à doença. Não se trata, portanto, de discursos anteriores, mas de *anterioridades discursivas*, no sentido de que os locutores dispõem de informações prévias, tratadas e estocadas antes de produzir os discursos. O ministrante destaca que os pré-discursos não estariam somente na ordem dos discursos ordinários, mas também dos discursos científicos. Por exemplo, livros didáticos de Língua Portuguesa partem da crença de que “falamos uma única língua” – isto seria pautado numa crença, num pré-discurso. Uma outra reflexão instigante que o professor propõe é: por que nomeamos um animal de estimação, mas não uma criança, como “Capitu”? Porque esse nome, imortalizado na obra machadiana, carrega o sentido de “mulher traidora”. Para aprofundamento no tema, Baronas sugere, além do livro “Os pré-discursos”, o artigo “Memória, desmemória e amemória” (2013b).

Já em referência ao terceiro pilar desenvolvido nesta etapa da aula, o ministrante aborda o conceito de “Linguística Simétrica”, desenvolvido no livro “Linguagem e Moral” (2015). Este seria um livro pioneiro ao tratar da questão ética nos estudos da linguagem, centrando sua proposta em dois eixos: pensar a questão da ética da fala (como vamos construindo dispositivos morais relativos à língua e ao discurso), relacionada à questão dos metadiscursos (saberes sobre a sua língua e a língua do outro); e pensar a ética do discurso acadêmico (considerando o fato de que algumas teorias sofrem processos de deformação, entre outras questões). Baronas sinaliza que Paveau identifica ética com moral, não fazendo distinção entre esses dois termos.

Quanto à deformação de conceitos no discurso acadêmico, Baronas exemplifica com uma observação de Eni Orlandi sobre equívocos em torno da noção de

“materialidade”, conforme escreve na apresentação do livro “Materialidades discursivas” (CONEIN et. al., 2016).

Baronas retoma que a AD incorpora a noção de memória da “Nova História”, mas ressignifica-a, defendendo que não existe a separação (dicotomia) memória/história. Cita, ainda, uma metáfora de Foucault: “memória é um nó em uma rede”. Menciona também Pêcheux, em “O Discurso: Estrutura ou Acontecimento” (1983/1997): “discurso não é um ‘aerólito’ miraculoso”, está relacionado com aquilo que está a sua volta.

Assim, Baronas aponta que a noção de memória possa ser composta por diversas ordens: a memória também é algo da ordem da antecipação (no sentido de Courtine); da memória interdiscursiva (que, no sentido de Moirand, pode ser “condensada” em palavras-acontecimento, como no exemplo de “Lampeduza” – ver aula 4 do mesmo curso na Plataforma Abralín) e, por que não?, *também* da memória cognitivo-discursiva, no sentido proposto por Paveau: “uma tecnologia discursiva ao mesmo tempo interna (memória humana) e externa (instrumentos linguísticos e discursivos, mas também vestígios materiais da memória no conjunto do ambiente, que constitui um forte contribuinte para a produção dos discursos (2013a, p. 234-235). A tudo que é atravessado, soma-se o que “o sujeito lembra”.

O ministrante apresenta que a noção de memória foi refinada por Paveau por meio de algumas divisões: memória, desmemória e amemória. A desmemória seria da ordem da revisão, enquanto a amemória, da ordem do apagamento. Como exemplo de apagamento, é possível pensar no caso da antiga Casa de Detenção do Carandiru – onde ocorreu o massacre em 1992, descrito por Drauzio Varella no livro “Estação Carandiru” – local que foi implodido (apagamento físico) e se tornou o “Espaço da Juventude” (renomeado e ressignificado).

A amarração dos cadarços: memória tecnodiscursiva

Baronas considera que os verbetes sobre os “tecnodiscursos”, entre os quais está o de “memória tecnodiscursiva”, seriam uma espécie de representação metonímica dos três pilares teórico-metodológicos: da Linguística *folk*; dos Pré-discursos e da Linguística Simétrica.

A memória tecnodiscursiva é uma memória desenvolvida em universos conectados, que amplia as capacidades da memória discursiva não equipada digitalmente, produz arquivos nativos inéditos em formas digitais nativas, ordena parcialmente a massa de dados discursivos on-line e constitui linhagens discursivas e formulações prévias para a elaboração dos discursos. Ela se baseia em certos traços tecnodiscursivos específicos: a

investigabilidade do discurso, a plurissemiotividade dos dados e sua imprevisibilidade. (PAVEAU, 2021, p. 267)

Nesse tópico, Baronas sinaliza que Paveau mobiliza a noção de signo conforme as Ciências da Informação e da Comunicação: o signo como um rastro ou traço (que pode ser de natureza intencional ou não), um primeiro deslocamento. Essa noção implica não somente uma ideia de sentido/significação, mas também uma ideia de identidade. Para ilustrar de forma didática, o professor aborda a questão de alguns dados que são lastreados em nossa navegação na web, incluindo dados de geolocalização.

Nesse ínterim, ocorre a redocumentarização, que é uma forma de rememoração/rememoração. Por redocumentarização, Paveau entende “a retomada, dentro de um documento novo, do conteúdo dos rastros gerados de modo automático, depois da interação do usuário com o sistema informático” (YAHIAOUI et al., 2007, p. 198 *apud* PAVEAU, 2021, p. 272). Segundo Paveau, é importante que a Linguística mobilize essas categorias a fim de estabelecer a memória tecnodiscursiva, cuja concepção extrapola os limites do “esquecimento” em sentido discursivo. Há necessidade de considerar as passagens que vão do signo ao rastro e à impressão. Ainda para ilustrar a redocumentarização, o ministrante convoca um dado de rede social, em que o embaixador da China no Brasil retoma uma postagem do Ministério da Saúde brasileiro, que versa sobre os “insumos do exterior para a produção de 12 milhões de vacinas”. A expressão “insumos do exterior” é sublinhada pelo embaixador para sinalizar o apagamento da memória da origem dos insumos, a China, cujo nome é substituído por “do exterior”.

Para promover um entendimento didático sobre a memória considerada como tecnodiscursiva, professor Baronas explica que, para Paveau:

A memória discursiva não está no discurso. Ela está distribuída tanto no discurso, quanto nos atores sociais, quanto nos próprios dispositivos com os quais os sujeitos interagem para produzir os seus tecnodiscursos. A memória tecnodiscursiva funciona nessa relação com esses diferentes elementos: sujeitos, máquina, sociedade. E não simplesmente a memória discursiva depositada nos discursos. (BARONAS, 2021, aula on-line)

Baronas defende que as problemáticas abordadas por Paveau implicam uma “virada epistemológica”, na qual a ADD é apresentada como uma das possibilidades de uma pós-linguística: integrando língua, sujeito, sociedade e máquina nas relações entre esses elementos.

Uma pós-linguística convida a olhar não mais apenas para aquilo que se produz nos centros, mas também o que se produz nas margens. O professor acredita, assim, que com a ADD, Paveau inaugura uma pós-linguística, faz uma ruptura epistemológica da mesma grandeza que Saussure ao propor a Linguística.

Considerações finais ou “um breve efeito de fim”

Tendo proposto uma resposta à pergunta incluída no título da aula sobre o rumo a uma pós-linguística para o qual a ADD caminharia, Baronas menciona mais um argumento de Paveau:

Continuo a tecer a metáfora, de minha parte, desejando uma provincialização, não apenas da linguagem, mas da própria linguística, que me parece bem iniciada pelas práticas da linguística popular. Considerar, no próprio trabalho linguístico, os metadiscursos das pessoas comuns, incorporando suas experiências de vida, seus pontos de vista, suas posições morais, suas situações políticas e tudo o que compõe sua vida permite à linguística sair do logocentrismo que a priva da profundidade da vida dos sujeitos (a linguística da enunciação, por exemplo, permanece nas margens de suas vidas). A plena integração das condições de fala dos/as locutores/as nas práticas linguísticas, quer sejam elas dos/as produtores/as dos *corpora* ou de seus analistas, permite iniciar o programa de uma pós-linguística que respeita tanto os ambientes das pessoas que falam quanto suas palavras. (PAVEAU, 2020, p. 132)

A aula deu voz a uma autora que, acredita Baronas, ainda é pouco compreendida pelos discursivistas que, por esse motivo, teriam certa rejeição a seu trabalho. Um pré-conceito (por desconhecimento) que poderia ser vencido em nome das contribuições relevantes de Paveau para a Análise do Discurso contemporânea, situando a própria teoria num lugar interdisciplinar e mais vibrante. Apesar dessa observação, vale mencionar trabalhos que mobilizam aqui seus conceitos de forma primorosa, a exemplo de Mussalim (2018).

O modo como tais temas são apresentados nesta aula pelo professor Baronas é, sem dúvidas, uma importante contribuição para a quebra desta barreira. E, como convida a expressão “efeito de fim”, o término da aula é apenas um início para incentivar a leitura e o aprofundamento na obra dessa autora. O “tecnodiscurso”, por sua vez, emerge como conceito-chave para compreensão dos discursos na comunicação contemporânea.

Para esta resenhista, já se pode dizer que a “comunicação contemporânea” carrega em si a “comunicação digital”, quase não sendo mais necessário (ou produtivo) diferenciá-las como duas, o que reforça a pertinência dos olhares propostos por Paveau, para além das dualidades, abordados nesta aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARONAS, Roberto. **Uma pequena genealogia do discurso digital**: em direção a uma pós-linguística?. Aula on-line ministrada no curso “Análise do Discurso Digital” no dia 04 de junho de 2021. Associação Brasileira de Linguística: Abralín EAD, 2021.
- CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean-Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie. **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- FUKS, Julian. **As palavras, vítimas suplementares de uma política destrutiva**. UOL: [s.l.]. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2021/05/01/as-palavras-vitimas-suplementares-de-uma-politica-destrutiva.htm>. Acesso em: jul. 2021.
- MUSSALIM, Fernanda. A dimensão discursiva da cognição ou a dimensão cognitiva do discurso. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 60 n.2, 2018, p. 400-413. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8651036>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Linguística Folk**: uma Introdução. Organização: Roberto L. Baronas, Julia Lourenço Costa, Tamires C. Bonani Conti. Araraquara: Letraria, 2020.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos** – sentido, memória, cognição. Trad. G. Costa, D. Massmann. Campinas: Pontes, 2013a. 266p
- PAVEAU, Marie-Anne. **Linguagem e Moral** – uma ética das virtudes discursivas. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Org. Júlia Lourenço Costa, Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.
- PAVEAU, Marie-Anne. Memória, desmemória e amémoria: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n. 5, dez.2013b, p. 137-161.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Campinas (SP), Pontes, [1983] 1997.